

## DOSSIÊ: GÊNERO, HISTÓRIAS E HISTORIOGRAFIAS BAIANAS

Marcia Maria da Silva Barreiros (UNEB)  
Maise Caroline Zucco (UFBA)

Gênero, Histórias e Historiografias Baianas é resultado dos esforços do Grupo de Trabalho de Gênero da Associação Nacional de História (ANPUH), Seção Bahia, em reunir as pesquisas que estão sendo desenvolvidas pelo grupo. Mesmo com sua efetiva fundação em 2012, na ocasião da realização do Encontro Estadual da ANPUH, em Cachoeira, o grupo estava sendo gestado durante os preparativos no evento, em 2011. Suas articulações iniciais estiveram centradas em profissionais que atuavam diretamente nas Universidades do Estado da Bahia e na Universidade Estadual de Feira de Santana. Embora o Programa de Pós-Graduação em História da UFBA (Universidade Federal da Bahia), tenha sido o primeiro programa do estado criado na área - em 1990 ao se desmembrar do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, a instituição só passou a integrar o GT no ano de 2015. Em 2019, com seus sete anos de existência, comemoramos essa trajetória com este dossiê; que em uma conjuntura social que questiona a legitimidade dos estudos de gênero precisa disputar que as opressões e as desigualdades advindas dessas identidades - interseccionadas pelos racismos, capacitismos, homofobias, etc. - podem ser combatidas a partir da compreensão de sua historicidade, promovendo uma sociedade mais equânime no presente.

Como um registro histórico, cabe aqui a apresentação dos nomes que compõem o Grupo de Trabalho, algumas dessas pessoas presentes desde sua fundação, outras a integrar a equipe a partir do último Encontro Estadual de História, realizado em Santo Antônio de Jesus (2018) e do Encontro Nacional em 2019, realizado em Recife. Nesse sentido, este dossiê é produto do grupo de docentes que construíram a história e a memória desta primeira fase do GT: Adriana Dantas Reis, Caroline Santos Silva, Claudia Andrade Vieira, Kleber Simões, Luiz Alberto Silva Lima, Maise Caroline Zucco, Márcia Maria da Silva Barreiros, Maria Aparecida Prazeres Sanches, Ricardo

dos Santos Batista, Tânia Mara Vasconcelos e Vânia Vasconcelos. Com a expansão do grupo de trabalho, outros profissionais passaram a integrar a equipe.

Além da comemoração desses sete anos, o dossiê também é um marco na história do grupo. Após uma série de parcerias estabelecidas ao longo desses anos, em publicações, coordenações de simpósios, participação em mesas, organização de eventos esta é a primeira vez em que construímos um dossiê, agrupando um considerável número de trabalhos da equipe.

O conjunto de textos se insere na historiografia contemporânea, na grande área, denominada estudos sobre as mulheres e as relações entre os gêneros, campo investigativo já oficializado e com um lugar demarcado politicamente nas instituições acadêmicas.

Com objetos, *corpus* documentais e abordagens analíticas distintas, o dossiê Gênero na história da Bahia que integra o volume de número seis da Revista Feminismos, é um exercício de pesquisa científica que traz à tona as experiências, vivências, cotidianos e práticas culturais dos sujeitos femininos em espaços e temporalidades múltiplas, reveladoras de singularidades históricas.

Todas as narrativas presentes nesta coletânea estão comprometidas em perscrutar os passados a partir de sólidas evidências, indícios e sinais cuidadosamente rastreados em arquivos e acervos do território brasileiro, competência particular do trabalho da/o historiadora/or. Um esforço conjunto que contribui, sobremaneira, para duas frentes: em primeiro lugar, para a releitura de passados plurais a partir de fontes documentais diversas - imprensa, periódicos, romances, literatura, processos crimes, inventários, relatos orais, textos jurídicos - entrelaçando um feixe de possibilidades de narrativas de outros contextos que necessitam ser desvelados porque e, principalmente, nos legaram formas de dominação, exclusão, opressão,

subalternidade e violência, presentes na longa duração da história.

Em segundo lugar, porque nos diz sobre a dinâmica das lutas das mulheres, das muitas matizes sociais, raciais, étnicas, geracionais em tempos pretéritos. Outrossim, é um reforço direto à historicidade das agendas e pautas feministas, objeto de preocupação atual de uma sociedade contemporânea tensionada.

Com propriedade é um dossiê escrito por mulheres, pesquisadoras, intelectuais e profissionais da educação superior preocupadas com os lugares sociais das mulheres no movimento de construção de suas identidades e subjetividades, em um contexto de buscas em prol da cidadania plena e da equidade entre os gêneros, demanda plural e premente da cultura.

“Mulheres negras: A busca por autonomia no Recôncavo do século XIX” é um estudo sobre as atividades femininas na cidade de Nazaré, de egressas ou não da escravidão. A doutora Virginia Queiroz Barreto, docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), traz em seu artigo a luta das mulheres negras pela subsistência em um contexto de efervescente comércio, em um exercício de visibilização histórica. Essas mulheres são nomeadas e narradas dentro das sociabilidades estabelecidas em territórios urbanos e rurais. Nesse sentido, as mais distintas fontes como processos, jornais e inventários montam esses fragmentos que edificam uma História da cidade, dos comércios, dos itinerários, das atividades rurais e das relações traçadas para o uso da terra; como é o caso dos contratos de terrenos que eram mantidos em nome dos senhores. Seus comércios, nos limites das cidades, eram clandestinos e sofriam com multas aplicadas pelo Estado. Pobres, morando sós, sobrevivendo dos seus ganhos, com o pai de seus filhos ausentes, as mulheres negras eram consideradas de moral duvidosa, fora dos padrões propagados pela burguesia. Ao debater o tema o presente artigo realiza um complexo exercício historiográfico que se posiciona tanto no campo dos estudos de gênero, intersecciona com a temática étnica racial, bem como expõe as sociabilidades dos sujeitos diante do processo de escravização traçando um mapa do território.

O segundo artigo do dossiê, intitulado A “imoralidade” das mulheres negras e os paradoxos do patriarcado - Brasil séc. XIX, pesquisa da professora doutora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) Adriana Dantas Reis, é um estudo sobre as relações entre mulheres, bem como entre mulheres e homens em suas interseccionalidades. As mulheres negras em contexto de escravidão representaram um desconforto para as famílias católicas: hipersexualizadas, estereotipadas, eram sujeitadas às violências sexuais praticadas pelos senhores e eram submetidas aos mandos das mulheres brancas. A valoração dessas mulheres brancas estava em jogo diante da administração do lar que deveria ser novo e higienizado, em uma percepção de civilidade voltada ao letramento. A partir dessas relações de poder a autora apresenta uma discussão centrada em dado século na Bahia, entretanto sua narrativa conecta-se com as experiências históricas de outras cidades brasileiras, bem como de outros países. As vendas de escravas e escravos para fora das províncias, as torturas cometidas pelas mulheres brancas nos trazem as minúcias das fontes na construção de uma narrativa sobre as relações do âmbito privado e público.

“‘Moça virgem/ mulher honesta’ versus ‘prostituta’: A importância da virgindade feminina e a centralidade do corpo na construção dos binarismos de gênero em processos judiciais”, de autoria da professora da Universidade do Estado da Bahia, doutora Tânia Mara Pereira Vasconcelos, é também um dos textos que compõe o dossiê. O artigo, que é produto de uma pesquisa mais ampla, analisa, sob a perspectiva historiográfica, processos crime contra costumes ocorridos entre 1942 e 1959 na cidade de Jacobina, região norte da Bahia. A investigação está centrada em documentos situados na conjuntura do código penal de 1940, que caracterizou os crimes de costumes como sedução, rapto e estupro, enquanto no código de 1890 o termo utilizado era crime de defloramento e estava associado à honra da família e ultraje público ao pudor. Os caminhos percorridos em torno das fontes nos mostram as representações de gênero construídas a partir dos comportamentos sociais femininos. A força do discurso religioso, que perpassou as narrativas médicas e estão contidas nos processos, traçam um dualismo “Eva e Maria”, ou ainda entre “honesta e

prostituta” manifestando o controle institucional dos copos desqualificando a vida sexual ativa das mulheres após a perda da virgindade e relações fora do casamento, por exemplo. O trabalho nos traz um exercício metodológico com processos crime refletindo sobre as construções históricas do gênero.

O quarto texto deste dossiê apresenta duas histórias de vida que abordam a construções de gênero. As doutoras Cláudia Pereira Vasconcelos e Vânia Nara Pereira Vasconcelos, ambas docentes da UNEB, reúnem suas pesquisas e apresentam dois exemplos que desestabilizam as normatividades femininas e masculinas sertanejas. Essa figura masculina é construída em torno da virilidade, do “cabra macho”, e a feminina seria associada à submissão, mas também da mulher forte, “mulher macho”. Contudo, Dona Farailda e Zé D’Almerinda constroem seus próprios percursos pessoais, coerentes a partir de seus valores. “A casamenteira e o artista: por outras representações de gênero no sertão” traz essa mulher, da cidade de Serrolândia, na Bahia, que casou muitas vezes se auto intitidou juíza popular, realizando as uniões das pessoas da região. Ela assume sua vida sexualmente ativa e a considera como algo saudável, abordando tanto a tranquilidade do amor no casamento, quanto os conflitos, pois já teve companheiros que não aceitavam sua forma de “ser diferente”, isso perante as normas. Senhor José Carvalho (ou Zé D’ajuda) era um homem com emprego formal e quatro filhos, mas ligado à expressão artística da cidade de Senhor do Bomfim. Alugou uma casa no qual eram realizadas peças de teatro e conviveu com figuras consideradas “condenáveis” ao mesmo tempo em que propagava em suas peças valores familiares condizentes com a exibição em espaços religiosos. Em um estudo biográfico o texto explora as construções sociais dos gêneros, explorando costumes e sociabilidades, e a flexibilidade desses, criando experiências históricas particulares.

O quinto texto a compor o dossiê é da professora da UNEB doutora Marcia Maria da Silva Barreiros, que trata da participação feminina em periódicos baianos durante a Primeira República. “Mulheres baianas na imprensa: Práticas de periodismo, redes de solidariedades e expressões de lutas na Primeira

República” trata de um perfil específico de mulheres que produziram o primeiro periódico baiano da república: senhoras, integrantes de uma elite, ligadas à perspectiva religiosa. A revista a “A Paladina do lar” foi criada pela Liga Católica de Senhoras Baianas, com o apoio da Igreja, e os objetivos da publicação, conforme seu grupo fundador, era a propagação de concepções moralistas e divulgação de conhecimentos relevantes para as mulheres com orientação cristã para a família. Em meio a um nicho eminentemente masculino as vozes femininas posicionadas em determinada classe social e perfil étnico racial baiano assumiram a visibilidade que não foi alcançada por mulheres intelectuais, defensoras de pautas específicas, e que não possuíam o mesmo prestígio social. Se os folhetins eram considerados instrumentos educacionais para as moças, que, segundo premissas da educação formal da época, não deveriam ter acesso a todas as fontes de informação, a Revista foi uma via de divulgação das artes e das produções literárias das mulheres realizando tanto a propaganda como o reconhecimento desses trabalhos em uma rede de sororidade feminina. Nesse sentido, o artigo traz uma narrativa sobre a história da imprensa baiana considerando participação das mulheres, que sofreram forte resistência na ocupação de espaços junto à imprensa, mas entendendo as possibilidades históricas de uma dada conjuntura e de dados sujeitos sociais nesse processo.

Na sequência do dossiê encontramos o último texto que complementa o debate anterior. Se a discussão previa versa sobre a participação feminina na imprensa, o seguinte trata de uma determinada obra de Amélia Rodrigues, escritora a professora que integrou a revista “A Paladina”. “A escrita feminina e feminista de Amélia Rodrigues: Educação e infância das mulheres através das páginas de ‘Mestra e mãe” é o artigo da doutora Caroline Santos Silva, professora substituta da UNEB do campus de Jacobina, na Bahia. Ao estabelecendo uma análise da obra da primeira autora baiana a publicar sua produção, o texto situa as discussões promovidas em meio à conjuntura realizando uma apreciação literária situada na historiografia. Sua rede de influências possibilitou a circulação e publicação de suas obras, embora a própria Amélia Rodrigues tenha estabelecido críticas

diante dessa recepção, que não foi valorizada. “Mães e mestras” é uma ficção e ao mesmo tempo uma autobiografia, segundo determinadas análises, e atravessa uma preocupação educacional feminina em meio ao sertão baiano. A autora do artigo traz à tona uma série de elementos da obra, como as contradições presentes no discurso, mas também a diversidade das personagens que passam pela menina cabocla e a menina branca, à título de exemplo. Encontramos nesse material percepções em torno da maternidade, do casamento, mas é na educação ligada à religião que haveria uma reorganização da moral da pátria em uma lição que considera que o “papel social” de mestra e mãe para as mulheres, se complementam.

Atravessando um recorte histórico que compreende o século XIX e a primeira metade do século XX este dossiê trata de diferentes sujeitos, em relações que atravessam a intimidade da casa e as subjetividades, chegando ao espaço público nas sociabilidades das cidades e nas páginas impressas de livros e jornais sempre observadas a partir das lentes de gênero. Dessa forma, temos aqui uma parcela representativa dos estudos que estão sendo produzidos pelas pessoas que integram o GT de Gênero da Associação Nacional de História da Bahia, e também a trajetória dessas profissionais; que ao trazerem recortes de pesquisas maiores nos mostram um pouco da historicidade da produção do Grupo.

Desejamos uma ótima leitura!